

**Tema:**  
**Neurociência e Inteligência artificial:  
As novas interfaces do conhecimento**



## **A COLÔNIA ÁRPAD FALVA: O MAIOR REFÚGIO HÚNGARO DO BRASIL, EM PRESIDENTE EPITÁCIO/SP**

**Henrique Fernandes FERREIRA<sup>1</sup>**

**Alfredo Zaia Nogueira RAMOS<sup>2</sup>**

**Resumo:** A imigração húngara para o Brasil resultou na fundação da Colônia Arpad Falva em Presidente Epitácio em 1920. Inicialmente explorada por Francisco Tibiriçá, a região se desenvolveu com a chegada da Estrada de Ferro Sorocabana em 1922. A colônia, habitada principalmente por húngaros, destacou-se na agricultura, produzindo algodão, fumo e cana-de-açúcar, além de se tornar um centro de produção de charutos e cigarros. A preservação da arquitetura húngara, evidenciada na reconstrução da Igreja de Santo Estevão em 1934, reflete a fusão entre a herança húngara e o contexto brasileiro. A colônia, que chegou a abrigar cerca de 200 famílias na década de 1930, enfrentou desafios econômicos e migrações entre 1940 e 1955, mas seu legado cultural permanece como uma expressão vívida da diversidade no Brasil.

**Palavras-chave:** Arpád Falva, Porto Tibiriçá, Oeste Paulista, colonização, Hungria, Arquitetura, Presidente Epitácio, Artigo Original.

<sup>1</sup> Discente do 4º ano do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Antônio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente. E-mail: henriqueferreira@toledoprudente.edu.br

<sup>2</sup> Arquiteto Alfredo Zaia Nogueira Ramos, candidato a PhD na Universidade de Auckland e ex-docente do Centro Universitário Antônio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente. E-mail: alfredoramos@toledoprudente.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

No início do século XX, o mundo passou por grandes mudanças ocasionadas pela Segunda Revolução Industrial, uma delas foi o desenvolvimento de novos armamentos militares. Essa, por diversos interesses políticos, sociais e econômicos, provocou pequenas disputas de territórios no continente africano, que por sua vez, explodiu na Primeira Guerra Mundial; conflitos travados pela Tríplice Aliança (Alemanha, Itália e Império Austro-Húngaro) e Tríplice Entente (EUA, Rússia, França e Inglaterra).

A participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial foi pequena, com o envio de alguns aparatos e equipamentos militares, já que o Brasil passava por desenvolvimento socioeconômico após a Proclamação da República. Nesse período a sua principal renda era cana-de-açúcar e um novo produto que se expandia fortemente pelo vale do Paraíba até o Oeste, denominado de terras devolutas não exploradas.

Com o fim da guerra, e a derrota da Tríplice Aliança, foi assinado um acordo denominado de Tratado de Trianon, um acordo de paz. Ele foi

*[...] concluído em 1920, definido pelas potências vencedoras da I Guerra Mundial e assinado pela delegação húngara sob protesto. O documento desmantelou o reino da Hungria (que fazia parte do Império Austro-Húngaro) e impôs ao país resultante um regime republicano. Derrotada na guerra e no conflito que se lhe seguiu contra os romenos, sob ocupação militar romena e ainda sob os efeitos de três meses de regime soviético, a Hungria perdeu dois terços do território que controlava antes da guerra. Algumas das regiões perdidas (Sul da Eslováquia e na Transilvânia) eram de maioria húngara. (Diário de Notícias, 2009)*

Assim, com toda a crise enfrentada pelos países no pós-guerra e com o Tratado de Trianon, houveram diversos imigrantes em direção ao Brasil, entre eles os Húngaros com a decadência do Império Austro-húngaro. O Brasil fez diversas propagandas para promover essa imigração, já que poderia servir de mão de obra para as lavouras de café, cana-de-açúcar e para o pasto das fazendas; pois a mão de obra escrava havia sido abolida em 1888 e precisava de substitutos. Aos poucos os húngaros foram tomando um pequeno espaço no território brasileiro, pontualmente no estado de São Paulo e na região sul do país. Em São Paulo dividiu-se entre a região

litorânea e o interior ao oeste do estado, região marcada pela expansão cafeeira. Uma das regiões a receber um número expressivo de imigrantes húngaros foi Presidente Epitácio, localizada nas margens do Rio Paraná.

Para que a expansão cafeeira se cumprisse, houve um grande investimento nas estradas de ferro. Quem protagonizou no Oeste Paulista foi a Estrada de Ferro Sorocabana. Foi inaugurada em 10 de julho de 1875, num período de intenso crescimento econômico e expansão territorial no Brasil. Originalmente planejada para ligar a capital paulista à cidade de Sorocaba, a linha surgiu da necessidade de criar um sistema de transporte eficiente para escoar produtos agrícolas, especialmente o café, a principal commodity de exportação do país. Sorocaba, na época, um importante centro produtor de algodão e outros bens, foi escolhida como o ponto inicial dessa empreitada. A construção da ferrovia foi impulsionada pela necessidade de facilitar o transporte desses produtos até o porto de Santos, o principal ponto de exportação do estado, reduzindo tempo e custos de transporte, e integrando melhor o interior ao litoral.

A Estrada de Ferro Sorocabana teve um impacto profundo na economia e na sociedade do estado de São Paulo. A ferrovia não apenas facilitou o transporte de mercadorias, mas também incentivou a migração e o desenvolvimento de novas áreas de colonização. Pequenas vilas transformaram-se em cidades prósperas, com novas oportunidades econômicas surgindo ao longo da linha férrea.

Um exemplo notável foi a imigração de japoneses para o Brasil, especialmente no norte do Paraná. Os imigrantes japoneses, que chegaram ao Brasil a partir de 1908, estabeleceram-se em áreas próximas às ferrovias e trouxeram consigo técnicas agrícolas avançadas, contribuindo significativamente para o desenvolvimento econômico e social da região. Cidades como Londrina e Maringá se destacaram como centros de colonização japonesa, refletindo uma paisagem cultural rica e diversa.

Na cidade de Presidente Epitácio, antiga Porto Tibiriçá, inaugurou-se a Colônia Húngara Árpád Falva em 1920 com algumas famílias. Nesta colônia ergueu-se um conjunto de edificações, como casas, Igrejas e uma escola. Entre elas algumas expressivas características da arquitetura húngara, o que será brevemente analisado neste trabalho, através de pesquisa bibliográfica, fontes primárias e análise local.

## 2 PRESIDENTE EPITÁCIO E A COLÔNIA HÚNGARA ARPAD FALVA

### 2.1 FUNDAÇÃO DE PORTO TIBIRIÇÁ, O INÍCIO DE PRESIDENTE EPITÁCIO

Após diversas tentativas fracassadas, mal sucedidas e outras que não obtiveram sucesso socioeconômico desejado, é no governo de Jorge Tibiriçá que a expansão às “Terras Devolutas Não Exploradas” deu início, em 1904. O médico Francisco Tibiriçá, primo de Jorge Tibiriçá, é contratado para gerenciar a criação das estradas boiadeiras em direção ao rio Paraná (Figura I) enquanto a companhia Estradas de Ferro Sorocabana dava início a continuação das vias ferroviárias, que até então havia parado no município de Assis. Francisco Tibiriçá, em conjunto ao fazendeiro e Coronel Artur de Aguiar Diederichsen, fundam uma união (a futura Companhia Viação São Paulo - Mato Grosso). Enquanto um gerenciava, o outro abria caminho na densa mata habitada, principalmente, pelos nativos Caiuás. Tal serviço de derrubada e exploração das matas virgens ficou a serviço do Capitão Francisco Whitaker, cujo, em 1907, fundou o Porto Tibiriçá; posteriormente, em 1949, o município de Presidente Epitácio.

Figura I – Estradas de Ferro e Boiadeira no Oeste Paulista



Fonte: Abreu, Formação Histórica de uma cidade pioneira: Presidente Prudente, 1970

No início, Porto Tibiriçá era uma pequena vila nas margens do rio Paraná que servia de base e controle do transporte de pessoas, bois e madeira ao território

de Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul). Tal região, foi pouco explorada pelos agricultores pelo difícil acesso e grandes riscos financeiros. Assim, os donos das terras vendiam ou loteavam grandes porções e auxiliaram na formação de alguns núcleos colonizadores, Gois (2010, p.38).

Com a chegada a linha férrea da EFS (Estradas de Ferro Sorocabana) em 1922, Porto Tibiriçá começa a se desenvolver após a chegada na região de alguns estudiosos, viajantes, ex-escravos, camponeses brasileiros e imigrantes alemães e italianos, que enxergavam na Alta Sorocabana uma outra oportunidade de vida longe da grande massa populacional dos grandes centros regionais. Foram eles que ajudaram na construção de galpões, estaleiros, oficinas mecânicas, almoxarifado, hospedarias, embarcações, bombas d'água, etc. Monbeig, quando estava estudando a região fez o seguinte comentário

*No curso de minhas viagens, muitas vezes encontrei moços, nascidos nas grandes cidades, antigos alunos de escolas de Medicina, de Agronomia, de Engenharia, em São Paulo ou no Rio de Janeiro, que viviam duramente; em meio de gente rude e bruta, e experimentavam evidente alegria na vida sertaneja. Nisso contava muito o lado esportivo. Mas também a sensação de criar, o sentimento de manter uma tradição e o orgulho de contribuir para engrandecer o seu país. Há nos brasileiros, mais frequentemente nos de Minas Gerais e de São Paulo, uma espécie de instinto que os impele sempre para adiante, para além da civilização. Não é raro ouvir dizer de um homem e de sua família que não podem ouvir o silvo da locomotiva. São os que sempre moram um pouco além da estação terminal de uma ferrovia. Quando esta prolonga os trilhos, embrenha-se o homem mais pra dentro do sertão. Gosta desse tipo de homem dos vastos espaços desertos, onde pode viver longe dos constrangimentos sociais. Trata-se muitas vezes de um caçador ou de um criador de gado. Nas margens do rio Paraná, do Tietê, encontram-se famílias que vivem da caça e da pesca. Preferem outros o nomadismo do boiadeiro que, conduzindo boiadas provenientes de Goiás, do Mato Grosso e de Minas Gerais, encaminham-se para as pastagens paulistas. Gente pobre, na maioria, frequentemente negros, mas também outros que possuía terra e abandonado casas nas cidades de São Paulo e Minas Gerais, desistido da família, estudo, profissões, liberais. Vai diminuindo essa espécie, pois quase já não há lugares onde o caminhão não atinja (Monbeig, 1981)*

O relato de Monbeig (1981) apresenta uma reflexão sobre a dinâmica de colonização e ocupação do interior brasileiro, particularmente na região do Alto Paraná e Alta Sorocabana, que na época era uma fronteira agrícola em expansão. O trecho destaca a presença de indivíduos que, movidos por um espírito de aventura, pioneirismo e busca por liberdade, deixaram as grandes cidades e profissões estabelecidas para se embrenharam no sertão. Esses indivíduos, muitos dos quais eram de classes sociais mais baixas ou mesmo ex-escravos, se dedicavam a atividades como caça, pesca, pecuária e agricultura, contribuindo para o desenvolvimento dessas regiões remotas. O autor enfatiza o perfil de pessoas que buscavam "viver longe dos constrangimentos sociais" e que tinham uma "sensação de criar, o sentimento de manter uma tradição e o orgulho de contribuir para engrandecer o seu país". Esse sentimento de missão e o desejo de participar da construção de uma nova realidade no interior do Brasil são vistos como traços distintivos desses colonizadores. O autor também menciona um "instinto" que parece impulsionar os brasileiros, especialmente os de Minas Gerais e São Paulo, a explorar e ocupar áreas além dos limites da civilização estabelecida.

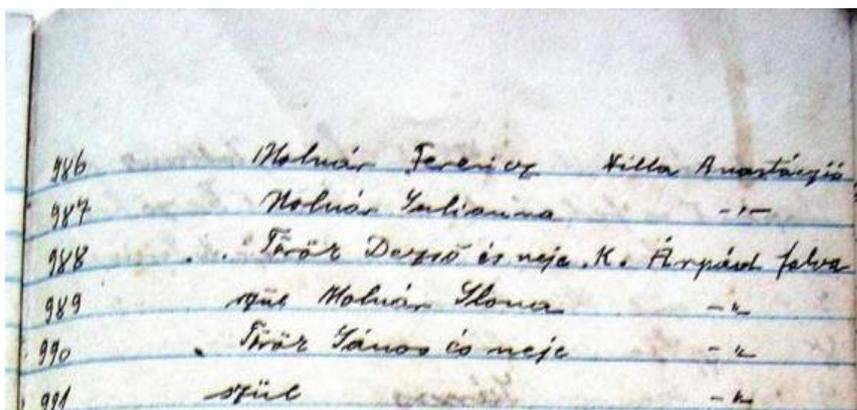
No contexto de Porto Tibiriçá, o relato de Monbeig se encaixa na narrativa de uma região que, inicialmente pouco explorada devido ao difícil acesso e aos riscos financeiros, começou a atrair diversos grupos de pessoas após a chegada da ferrovia. A Estrada de Ferro Sorocabana (EFS) foi um vetor crucial de desenvolvimento, facilitando o acesso e o escoamento de produtos, além de trazer novos habitantes, como imigrantes europeus e brasileiros de outras regiões.

Por fim, Monbeig (1981) também faz uma observação sobre a "diminuição" desse tipo de pessoa, à medida que a modernização, representada pela chegada dos caminhões e outras formas de transporte, tornava as regiões antes isoladas mais acessíveis e, portanto, menos atraentes para aqueles que buscavam a solidão e a liberdade dos "vastos espaços desertos".

## **2.2 A COLÔNIA ARPAD FALVA**

No século XIX, os Húngaros já estavam presentes em território brasileiro a algumas décadas, tanto como os engenheiros, professores, médicos quanto os lavradores que vieram em busca da prosperidade divulgada internacionalmente. Contudo, as propagandas tinham como finalidade atrair mão-de-obra para as fazendas de café e cana-de-açúcar que careciam de pessoas para trabalhar; já que com a abolição da escravatura, muitos fazendeiros libertaram seus escravos.

Figura II – Árpád Falva no Diário dos Nomes de Imigrantes da Vila Anastácio



A photograph of a handwritten diary page with blue horizontal lines. The text is written in cursive and lists names and locations. The entries are as follows:

986	Molnár Ferencz	Vila Anastácio
987	Molnár Yuliana	-
988	Férőc Dezso és neje, K. Árpád falva	-
989	Molnár Hanna	-
990	Férőc Hanna és neje	-
991	szül	-

Fonte: Mestrado de Simone Espin

Já nas primeiras décadas do século XX, houve outra onda migratória húngara, pois com a Primeira Guerra Mundial e o Tratado de Trianon muitos deles fugiram de suas casas para busca de um local mais seguro para si e sua família. A grande massa húngara, vinda principalmente da Transilvânia, desembarcou no porto de Santos, todos foram registrados e enviados para a Hospedaria dos Imigrantes da Vila Anastácio (Figura II), onde receberam os devidos cuidados para os recém chegados e davam rumo para seguirem suas vidas.

Da hospedaria, muitos eram mandados para as fazendas em Ribeirão Preto, São Simão, Cerqueira César, etc. Contudo havia aqueles que não buscavam trabalhar para grandes fazendeiros, estes tomavam rumo em direção a Alta Sorocabana onde havia novos loteamentos dispostos a negociações.

Assim, em 1920, surgem os primeiros moradores na Colônia Árpád. Ela fica situada entre o município de Caiuá e Presidente Epitácio (Porto Tibiriçá), esse local

havia sido loteado pelo empresário venceslauense Antônio Mendes Campos Filho com o auxílio de seu procurador Álvaro Antunes Coelho.

Figura III – Gleba de Terras Loteadas na Colônia Árpád Falva



Fonte: Pierre Monbeig, *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo* (1981)

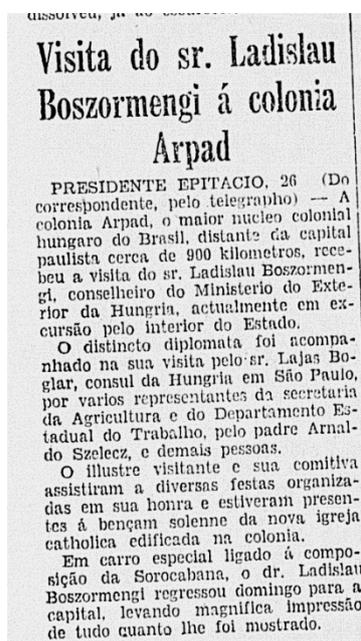
Eram terras que variavam entre 2 a 20 alqueires, com poucos metros de frente e uma lateral muito longa (Figura III). A propaganda feita na época desses loteamentos foi posta no jornal húngaro sul-americano (*Délamerikai magyar hírlap*) distribuído em todo Brasil, famoso pelos húngaros no estado de São Paulo.

A aquisição das terras era relativamente simples, com um simples pedido de compra o dono da terra fazia a documentação que só seria reservada caso efetuassem pagamento prévio de um valor mínimo estabelecido por eles. Como os colonos não possuíam muita renda, a Companhia de Viação auxiliou o processo de compra, fazendo como um financiamento. Consecutivamente, os colonos húngaros buscaram ficar próximos uns dos outros por questões culturais, religiosas e sociais, pois haviam mais colonos de outras nacionalidades morando na colônia Arpad Falva, como os austríacos, poloneses, italianos, alguns alemães e eslavos (nacionalidades que faziam parte do território do Império Austro-Húngaro)

Em 1920, no início da colônia, só havia um grande galpão a fim de abrigar as 50 famílias de imigrantes enquanto eles davam os primeiros passos no seu desenvolvimento. Para sustentar financeiramente, as famílias começaram com a extração vegetal para consumo próprio e logo desenvolveu-se o plantio de algodão e fumo; houveram tentativas de grande plantio do café na colônia, porém, segundo

registros, houveram geadas e tudo foi perdido. Após o duro começo da colônia, com o excelente sucesso do plantio do fumo e do algodão, os colonos criaram pequenas manufaturas de charutos e cigarros localmente e poucos pelo estado. Outras práticas que também foram bem sucedidas eram: a mamona e a cana-de-açúcar, esta que servia para fabricar aguardente muito famosa na região pela família Szücs. No período entre 1930 a 1935, era estimado mais de 200 famílias húngaras morando na colônia Árpád Falva, sendo assim, segundo o jornal Correio Paulistano (1934), considerada a maior colônia húngara do Brasil (Figura IV).

Figura IV – Artigo do Jornal Correio Paulistano



Fonte: Biblioteca Nacional Digital, 1934

A religião na colônia Arpad Falva era majoritariamente católica, havendo alguns pequenos núcleos evangélicos, sabatistas e protestantes. A igreja católica foi construída primeiramente em madeira e, com o avanço da colônia, construíram 2 olarias que serviram para abastecimento da colônia, Porto Tibiriçá e Caiuá. Já no início da colônia, em 1921, reconstruíram a Igreja de Santo Estevão da Hungria, e 13 anos depois, em abril de 1934, foi reinaugurada no mesmo local, mas toda em alvenaria.

Ao lado da igreja ficava a escola de ensino primário que também foi construída em madeira e mantida assim até conseguirem reerguer em alvenaria, em 1936, das olarias da colônia. A escola da colônia foi a primeira construída aos arredores de Porto Tibiriçá, ela não teve grande influência entre os moradores do porto porque lá era lecionado em húngaro, todos os livros também estavam escritos em

húngaro. Todavia, com o início da Segunda Guerra Mundial, todos os materiais que continham a linguagem húngara foram tomados por “questões de segurança nacional”, pois a Hungria havia se aliado com a Alemanha Nazifascista. Além dos materiais, o professor também foi removido de seu cargo, assim tomando posse a Prof.<sup>a</sup> Maristela Leal Pereira de Pres. Venceslau.

Por fim, a colônia seguiu crescendo com o passar dos anos, até 1960 ela já possuía média produção agrícola, criação de bovinos e ovinos, 2 galpões, 2 armazéns, 2 olarias, caminhões a serviço da colônia, uma pequena parada de trem e uma farinha. Era comum festas enormes, como o Baile da Laranja, entre comunidades de diferentes nacionalidades, corridas de cavalos, jogos de futebol, nos armazéns haviam salão de baile, teatro e cinema, que serviram de atrativo. A colônia Árpád reunia cidadãos de vários municípios da região. Há relatos de moradores de que um príncipe da corte húngara visitou a colônia, após uma outra visita do sacerdote húngaro Arnold Szelec em 1934 na Igreja de Santo Estevão, de acordo com Dreisziger

*Eles também serviram comunidades com imigrantes húngaros em mais de uma dúzia de cidades e vilarejos próximos (e não tão próximos). Em 1934 foi erguida uma igreja e, logo depois, Anzelm Horváth chegou e assumiu o cargo de pároco, deixando Szelec livre para fazer trabalho missionário nas comunidades húngaras próximas. Logo, foram iniciados cultos católicos regulares também no centro de São Paulo, e outra igreja foi erguida no assentamento de Árpádfalva. Foram feitos planos para estabelecer um lar para os padres beneditinos húngaros de São Paulo. Esta casa, apelidada de “Pannonhalma brasileira”, tornou-se realidade em 1938. Enquanto isso, os padres húngaros da região continuavam mudando: alguns que haviam chegado em meados da década de 1930 voltaram para a Hungria e foram substituídos por outros. (Dreisziger, 2016, p. 287)*

Mas com diversos problemas econômicos e por motivos familiares, muitos colonos deixaram a colônia, o período de maior saída foi entre 1942 a 1954. Aqueles que possuíam renda buscaram investir em outros lugares, assim, também, deixando a Árpád Falva.

### **3 O CONTEXTO DA COLÔNIA NA ARQUITETURA HÚNGARA**

A colônia Árpád Falva trouxe não somente os costumes e a religião, trouxe, também, a arquitetura principalmente das zonas rurais. A arquitetura da Colônia Arpad Falva destaca-se por elementos distintivos que testemunham a fusão única entre a herança húngara e o contexto brasileiro. Fachadas decorativas, uso de materiais tradicionais húngaros e a preservação de técnicas construtivas ancestrais são características marcantes.

#### **3.1 AS CASAS**

Primeiramente, é necessário ressaltar que as casas húngaras não podem ser categorizadas em um estilo específico, ou seja, elas não retratam um estilo arquitetônico das grandes escolas. Pois essas residências são fruto do extenso desenvolvimento da população húngara, sendo assim uma arquitetura vernacular, expondo pequenas características que fazem parte da sua região do leste europeu.

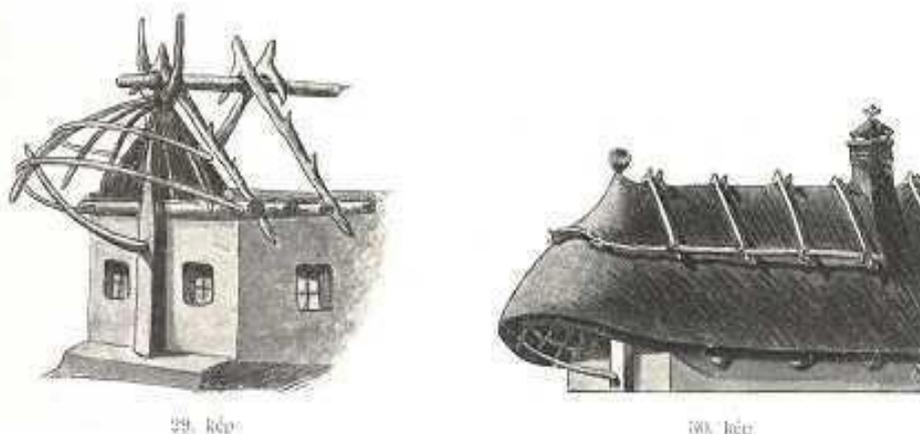
Antes, é necessária uma breve introdução do desenvolvimento da forma da casa húngara. Nos primórdios da civilização húngara, os abrigos construídos por eles tinham inspiração asiática, somente diferenciando na distribuição das plantas. Como os povos eram nômades, somente eram construídos abrigos para períodos de estadia nos locais, estes eram construídos simplesmente com palha ou capim formando 3 paredes ou somente uma cobertura, e a abertura ficava para a face com menor incidência de ventos. Havia um baú dentro e peles animais nos cantos para mantê-los aquecidos as noites. A ideia de telhado surge com o uso de peles animais para a cobertura dessas paredes, sendo amarradas nas pontas e esticadas até o topo. Posteriormente, com a necessidade dos pastores de vigiar o gado enquanto se protegem da neve, surgem as janelas. Por fim, quando começaram a se estabelecer nos locais os pastores viram a necessidade de setorização de suas casas utilizando a madeira para separar os cômodos. Destaca Imre Szendrey; um notável poeta e crítico literário húngaro do século XIX, cuja obra se destacou pela profunda análise da literatura e da arquitetura húngara. Sua contribuição ao campo literário e ao estudo das tradições culturais húngaras consolidou seu papel como uma figura influente no panorama cultural da época:

*A forma maior e mais desenvolvida da casa do forno é a antiga*

*habitação com beirais dos Kuncís, enquanto o kunház posterior e moderno, que é tão simples quanto o tipo básico médio dos húngaros nas Grandes Planícies, repousa puramente no chão. planta do terraço de três pisos com a frente a sul; tradicionalmente com janela no final da rua, no extremo interno fica o galinheiro e o mirante no quintal; em uma extremidade da varanda com pilares fica a área dos pés, e na outra extremidade está a cama do velho fazendeiro com mosquiteiros, as chamadas governantas, cuja única roupa de cama é o casaco de pele que ele usa, e esse velho fazendeiro dorme nele mesmo no inverno. O equipamento interior é o seguinte; casa pequena (sala interna) e casa grande (limpeza externa ou quarto de hóspedes); e estas duas localidades abrem-se do átrio para a direita e para a esquerda; por baixo do arco de adobe vedado na profundidade do átrio, chega-se ao recuperador, que terminava numa chaminé livre, ou seja, aberta. Porém, a mobília dos quartos ainda segue a disposição de parede a parede conforme a troca. (Szendrey, 2016, p.287)*

Quanto à materialidade, as casas tiveram quatro eras diferentes: a do junco (palha ou capim, a de sebe, a de madeira e a de barro (que futuramente evoluiu para a alvenaria). A de barro, especificamente, era parecida com a de taipa de pilão. Pois modelavam as caixarias e preenchiam com terra úmida, conforme a secagem retirava-se as tábuas e alisavam as paredes. A estrutura, ao contrário da de taipa de pilão que as paredes já são estruturais, as das casas húngaras a estrutura era feita de madeiras e o barro usava como fechamento das paredes.

Figura V - Ilustrações de Otto Hermán



Fonte: Szendrey, 1902

Já os telhados, são formados com a inspiração das estruturas dos abrigos tipicamente asiáticos. Nos telhados, era feito uma casca, armação, com encaixes das madeiras e presas com uma massa de esterco seco e úmido juntos (Figura IV). Assim surgiu toda a engenhosidade das armações dos telhados, e usavam de fechamento a palha seca. O uso de telhas, vai de acordo com a renda da família, pois seria um material mais caro.

Figura VI - Família Húngara e Sua Casa na Colônia Árpád Falva



*Fonte: Biblioteca Digital do IBGE, 1952*

Na colônia Árpád Falva foram registradas, em fotografias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), duas casas que podem ser catalogadas em duas eras diferentes da arquitetura vernacular húngara: a do barro e a de alvenaria. A primeira casa (Figura VI) é visível o uso da taipa nas paredes, método que não era muito utilizado na região de Porto Tibiriçá, mas comum na região nordeste, segundo o ex-vereador de Presidente Epitácio Ary Ferreira da Silva, o qual já visitou inúmeras vezes a colônia.

Outro ponto visível na imagem acima, é o telhado feito de palha que é prolongado à uma pequena varanda logo na entrada da casa. Ao fundo, pode-se estipular que seria a cozinha da casa, pois essa era sempre posta aos fundos separada dos quartos para proteção das crianças, como levantado por Góis (2010).

A segunda casa não se tem uma visão tão ampla de como foi construída, mas foi capturado um ponto essencial para categorizá-la como uma construção tipicamente húngara, o seu telhado. Esse que possuía um recorte que tipicamente servia como um adorno das casas. Além disso, o prolongamento que servia para a

entrada principal, que, como na imagem exemplo de casa húngara (Figura VII), ficava na sua lateral e não na sua fachada principal, como as janelas.

Figura VII - Uma Casa da Colônia Árpád Falva



Fonte: Biblioteca Digital do IBGE, 1960

Figura VIII - Imagem de uma Casa Rural Húngara



Fonte: Sebestyén, 2004

### 3.2 A ESCOLA

Segundo o historiador de arte, jornalista, curador e membro fundador do coletivo de pesquisa em arquitetura “Transmoderna”, Daniel Kovács (2023)<sup>3</sup>, a escola não possui nenhuma característica da arquitetura típica húngara e acredita ter princípios da arquitetura barroca brasileira. Mas vale ressaltar que a Hungria foi forte na educação após um programa do governo, o programa de construção de escolas populares de Kunó Klebelsberg, para estimular a educação no seu país. A escola da colônia Árpád Falva pode ter sido construída não necessariamente por causa desse programa, mas vale levantar esse tópico pela preocupação dos colonos em construir uma escola a fim de manter sua língua nos territórios tupiniquins. Essas informações foram obtidas através de uma conversa por e-mail com o Sr. Kovács.

Relacionando com a arquitetura típica da região na construção de escolas, é possível especular que esta edificação tenha sido erguida de acordo com a tipologia já vigente no Brasil, visando atender o programa oferecido pela educação do sistema de educação nacional.

### 3.3 A IGREJA DO SANTO ESTÊVÃO DA HUNGRIA

Com a recém chegada dos colonos, as estruturas construídas por eles foram essencialmente feitas das madeiras cortadas para a abertura das estradas boiadeiras, da malha ferroviária e das glebas recém loteadas. Madeiras que eram

---

<sup>3</sup> Esse comentário de Daniel Kovács foi feito durante troca de e-mails entre o autor e ele.

escoadas pelo Porto Tibiriçá até o seu alagamento, em meados dos anos 90. É interessante ressaltar, pois os húngaros não tinham o costume de usar a madeira como fonte primária nas suas construções, somente nas estruturas (Figura VIII), adornos, móveis, etc. Em 1921, inaugurou-se a primeira igreja cristã da colônia, a Igreja de Santo Estêvão da Hungria.

Figura IX - Construção da Igreja de São Estevão da Hungria



Fonte: Góis, 1937

Figura X- Fotografia da Fachada Atual

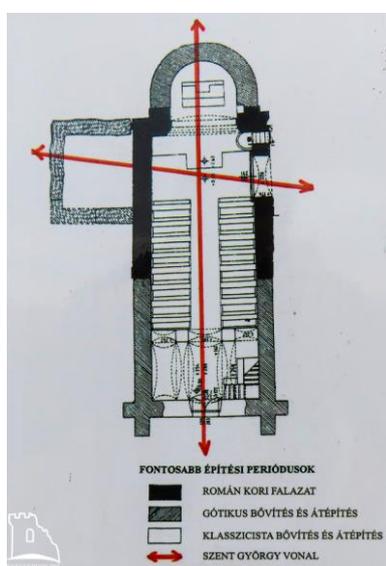


Fonte: Edda Provana, 2023

Após a construção das 2 olarias na colônia, todas as residências e edificações de importância foram desmanchadas e construídas novamente em alvenaria; somente as que eram erguidas com taipa seguiram de pé, por causa da renda familiar que não conseguia bancar tal mudança. Segundo o website *Department of Latin America and the Caribbean of the Ministry of Foreign Affairs and Trade* (2018), a igreja só conseguiu realizar a reforma após a visita, em 1931, do primeiro pastor dos húngaros no Brasil, Arnold Szelec. A sua reinauguração foi feita em 1934.

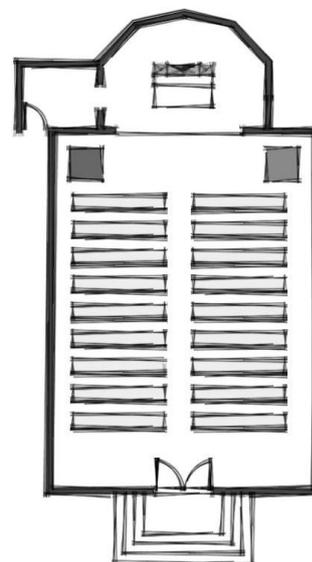
A disposição da igreja da colônia (Figura XI) se comparada com a Igreja Gyugy no sudeste da Hungria (Figura X) são notórias as semelhanças. Primeiramente, as fachadas de ambas são discrepantes do resto de seu corpo, apesar dos estilos que foram embasadas serem diferentes, ou seja, o estilo arquitetônico que foi trabalhado na fachada principal não seguiu para com a sua planta. Esta, que também possui semelhanças, a igreja de Gyugy é formada pela nave principal que ao fundo termina com um semicírculo e na sua esquerda uma sala de apoio para os padres ou pastores. Já na igreja do porto, possui os mesmos pontos expostos na igreja anterior.

Figura XI - Croqui



Fonte: varlexikon, 2022

Figura XII - Croqui da Planta da Igreja da



Fonte: O Autor, 2023

Além disso, ressaltou o historiador Dániel Kovács <sup>3</sup>, que era comum na frente das igrejas a instalação de um crucifixo metros à frente da porta com algum texto gravado em uma placa ou na própria estrutura dele. Outra característica que precisa ser comentada brevemente, são os adornos. Estes são muito característicos

---

<sup>3</sup> Esse comentário de Daniel Kovács foi feito durante troca de e-mails entre o autor e ele.

na fachada principal da igreja do porto, sendo avistado de longe pelos visitantes, eles são muito utilizados pelos colonos em todo o Brasil; algumas igrejas possuem esses adornos mais bem trabalhados, entretanto elas provavelmente tinham capital e mão de obra especializada nesse tipo de adorno. Há dois únicos pontos onde ambas se divergem, o primeiro são nas aberturas, essas que tinham a função de entrar somente a luz e vedar o clima externo visto que o clima húngaro é muito frio em boa parte do ano, enquanto no Brasil o clima tropical quente e úmido exigia aberturas maiores e com mais ventilação. O segundo ponto é a torre, que possivelmente por motivos de inexperiência na execução da igreja do porto não conseguiu fazê-la.

#### **4 CONCLUSÕES**

Ao explorar a história da Colônia Arpad Falva em Presidente Epitácio, este texto busca não apenas analisar a arquitetura húngara presente nesse enclave, mas também resgatar e compreender o legado cultural desses imigrantes. A finalidade desta investigação foi ir além das estruturas físicas e entender como a Colônia Arpad Falva se tornou um elo entre a herança húngara no contexto brasileiro.

A formação da colônia, iniciada em 1920, é intrinsecamente ligada aos eventos históricos globais, como a Primeira Guerra Mundial e o Tratado de Trianon. A migração de húngaros para o Brasil, em busca de um novo lar e oportunidades, resultou na criação de comunidades que não apenas preservaram suas tradições arquitetônicas, mas também influenciaram a paisagem cultural de Presidente Epitácio.

A arquitetura da Colônia Arpad Falva, com suas fachadas decorativas, uso de materiais tradicionais húngaros e preservação de técnicas construtivas ancestrais, não é apenas um reflexo estético, mas uma expressão tangível da identidade húngara na região. A Igreja de Santo Estevão da Hungria, erguida e reconstruída ao longo dos anos, é um ícone desse patrimônio arquitetônico, testemunhando a fusão única entre as tradições europeias e o ambiente tropical brasileiro.

Além disso, a trajetória da Colônia Arpad Falva revela a complexidade da integração cultural e os desafios enfrentados pelos imigrantes húngaros. A preservação da língua, religião e práticas sociais na colônia mostra a resiliência dessas comunidades em manterem suas raízes em um ambiente diversificado.

Portanto, a finalidade deste texto foi não apenas analisar a arquitetura da Colônia Arpad Falva, mas também reconhecer seu papel como um ponto de convergência entre as duas culturas. A preservação desse patrimônio arquitetônico é essencial não apenas para a compreensão da história local, mas também para promover o respeito à diversidade cultural e o entendimento da influência das colônias na construção da identidade do Presidente Epitácio.

## REFERÊNCIAS

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Os fantasmas do Tratado de Trianon**. Disponível em: <https://www.dn.pt/globo/europa/os-fantasmas-do-tratado-de-trianon-1348231.html>.

Acesso em: 31 out. 2023.

DREISZIGER, N F. **Church and Society in Hungary and in the Hungarian Diaspora**: 1. ed. [S.l.] University of Toronto Press, Toronto, 2016.p. 287

GOIS, N. G. C **COLÔNIA ARPAD: "O CONTEXTO HISTÓRICO E A CONTRIBUIÇÃO DA IMIGRAÇÃO HÚNGARA"**. 1. ed. Presidente Epitácio: Gráfica Epitaciana, 2010 p. 23-184

Biblioteca IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=419055>. Acesso em: 21 out. 2023

Biblioteca IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=420097>. Acesso em: 21 out. 2023

KÖZÖS MÚLT ÉS JELEN. **Szelec Amold** Disponível em: <https://latam.kormany.hu/szelec-arnold>. Acesso em: 19 nov. 2023

LUCENA, S. E. D. O. IGREJA CRISTÃ REFORMADA DO BRASIL: IDENTIDADE ÉTNICA E RELIGIÃO "UM ESTUDO DE CASO". **ADELPHA**, São Paulo,SP. v.1. n.1, p.6-174, nov/2009. Disponível em: <http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/25687>  
Acesso em 20 nov 2023

MORONI, B D. G. **HISTÓRIA DE PRESIDENTE EPITÁCIO**. 1. ed Maringá, PR Gráfica Rezende, 2011. p.28-312

MÚVÉSZET SZERKESZTETTE: LYKA KÁROLY. **A MAGYAR HÁZ FEJLŐDÉSE**  
Disponível em : [https://www.mke.hu/lyka/01/muveszet\\_01\\_magyarhaz.htm](https://www.mke.hu/lyka/01/muveszet_01_magyarhaz.htm). Acesso em 4 out. 2023

ORSZÁGÉPÍTŐ. orszagepito, 2014. Disponível em: <https://orszagepito.net/wp-content/themes/orszagepito/pdf/2014-3.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2024

PORTO TIBIRIÇÁ HISTÓRIA DO PORTO TIBIRIÇÁ, PRESIDENTE EPITÁCIO E DO OESTE PAULISTA **CRÔNICAS DE TIBIRIÇÁ** Disponível em: <http://portotibirica.blogspot.com>. Acesso em: 19 nov. 2023

**Sem Autor**. VISITA do Sr. Ladslau Boszormengi á Colônia Arpad. São Paulo, Edição: 24729, p.2. 27 out. 1936. Acesso em: 22 Jan. 2024.

SZUCS, Carlos Alberto. **SZÜCs & NAGY: CLASSE IMIGRANTE**.1 ed Presidente Epitácio: SGuerra Design, 2022.p. 11-212

VARLEXIKON. **Gyugy templom: Körülötte sánc maradványok láthatók**. Disponível em: <https://varlexikon.hu/gyugy-templom#>. Acesso em: 20 nov. 2023